



A MICROPOLÍTICA DA RESISTÊNCIA: LEITURAS DE SAIDIYA HARTMAN E A REPRESENTAÇÃO ÉPICA EM HARRIET

Suélen Pawelkiewicz¹

Allan Kardec Pereira²

INTRODUÇÃO

O estudo propõe uma reflexão sobre as formas cotidianas de resistência à escravidão a partir da obra da historiadora e teórica Saidiya Hartman, *Cenas da sujeição: terror, escravidão e autopolítica da dor* (2022), em diálogo com o filme *Harriet* (2019), dirigido por Kasi Lemmons. Ambas as produções se voltam à experiência da escravidão negra no século XIX, mas por caminhos distintos e complementares: enquanto Hartman desenvolve uma análise teórica e histórica das práticas micropolíticas que emergem no interior do cativeiro, o filme dramatiza a trajetória heroica de Harriet Tubman, uma das principais figuras do abolicionismo norte-americano.

A historiografia da escravidão tem se voltado, nas últimas décadas, para a complexa agência dos escravizados, superando a visão que os reduzia a meras vítimas passivas. Neste contexto, o trabalho de Hartman insere-se na história da diáspora negra que questiona a centralidade do arquivo oficial e que busca resgatar as “vidas que não deixaram rastro” (HARTMAN, 2020, p. 3). Sua abordagem teórica desloca o foco dos grandes eventos políticos para a persistência da vida. A resistência, para Hartman (2022), reside na capacidade de “roubar um tempo”: nas ações ilícitas, nos encontros secretos e nos laços afetivos que contestavam a definição legal do corpo negro como propriedade.

¹Acadêmica do Curso de História – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus, Erechim/RS. shupawelkiewicz@gmail.com

² Professor Doutor do Curso de História – Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim/RS. allan.pereira@uffs.edu.br



Essa perspectiva historiográfica da agência cotidiana se confronta com a lógica da narrativa cinematográfica. O filme *Harriet* representa um momento crucial de visibilidade afirmativa (HOOKS, 2019) da história negra no mainstream do cinema norte-americano. Contudo, a necessidade da dramatização épica inerente à linguagem do cinema, ao converter a resistência coletiva e anônima em uma jornada individual e mística, corre o risco de simplificar a complexidade histórica forjada no cotidiano da sujeição. Essa tensão é compreensível, uma vez que o cinema, conforme observa Ricoeur (2007), tende a organizar o passado em estruturas narrativas que ofereçam sentido e fechamento.

O principal objetivo deste estudo é analisar a dialética entre a micropolítica da resistência, articulada por Hartman através do conceito de “roubar um tempo”, e a representação icônica da fuga e da auto apropriação no filme *Harriet*. Busca-se demonstrar como a teoria de Hartman ilumina, complexifica e questiona a primazia do evento épico na narrativa fílmica, destacando que o heroísmo de Tubman é sustentado pelo papel da corporeidade, da fé e da coletividade como estruturas afetivas forjadas nos interstícios da dominação. A partir da discussão sobre a fabulação crítica de Hartman e a visibilidade afirmativa do cinema, propõe-se pensar a liberdade não como um evento absoluto, mas como um processo relacional, encarnado e contínuo.

METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem é comparativa e interdisciplinar, combinando análise conceitual, textual e fílmica para articular e contrastar categorias da História da Diáspora Negra com a representação visual cinematográfica.

A fundamentação teórica é ancorada principalmente na obra de Saidiya Hartman, com o conceito chave de “micropolítica da resistência”. Este conceito é operacionalizado através da noção de “roubar um tempo” (HARTMAN, 2022), que é a lente pela qual se analisam as práticas cotidianas dos escravizados como formas de agência e recusa.



Complementarmente, a metodologia ética de Hartman é representada pela “fabulação crítica” (HARTMAN, 2020), desenvolvida em *Vênus em dois atos*, que guia a interpretação das fontes históricas na ausência de registros sobre a vida afetiva dos sujeitos escravizados.

Por fim, a análise do filme *Harriet* é fundamentada na crítica cultural de “visibilidade afirmativa” (HOOKS, 2019) e na discussão de “memória narrativa” (RICOEUR, 2007), permitindo o contraste entre a lógica épica do cinema e a abordagem sutil da história.

DISCUSSÕES/RESULTADOS

O trabalho estabelece como resultado central uma tensão dialética entre a resistência anônima e coletiva (Hartman) e a resistência icônica e individualizada (Harriet), revelando os limites e as possibilidades da representação da história negra.

Em *Cenas da sujeição*, o conceito de “micropolítica da resistência” demonstra que a agência estava forjada na materialidade do corpo cativo. A autora resgata as práticas que constituíam o “roubar um tempo”, o qual designava uma ampla gama de atividades, desde encontros de louvor e danças até visitas ilícitas e laços afetivos (HARTMAN, 2022, p. 93). Esses gestos, embora fossem infrações menores, eram fundamentais para a reconfiguração do corpo como sujeito, configurando a “autopolítica da dor”, que se manifesta na capacidade de criar laços, subjetividade e política nos interstícios do terror (HARTMAN, 2022, p. 23). O tempo furtado ao senhor era o tempo dedicado à re-ligação e ao cuidado, forjando a rede de solidariedade que é a estrutura invisível da resistência.

Em contrapartida, a análise do filme *Harriet* (2019) revela a culminância épica dessa micropolítica, traduzindo o gesto de autoapropriação em espetáculo visual, notadamente na cena em que Harriet cruza o rio. O corpo que antes pertencia ao senhor atravessa as águas, ecoando a leitura de Hartman (2022, p. 120), para quem a apropriação do espaço em atos itinerantes contesta o confinamento espacial. Contudo, os resultados apontam que, na necessidade de dramatização, o filme incorre em simplificações ao priorizar a excelência



individual de Tubman e ao utilizar as “visões” como intervenção mística, desviando-se da complexa estratégia política para o transcendente.

Dessa forma, o heroísmo de Harriet Tubman (a face visível da agência) demonstra ser inseparável das práticas coletivas e anônimas (o fundamento invisível) que Hartman resgata, confirmando que o heroísmo emerge das estruturas afetivas forjadas no cotidiano. Finalmente, a discussão aborda a ética da representação, onde o filme, ao realizar uma fabulação épica, busca uma visibilidade afirmativa (HOOKS, 2019) crucial para a memória cultural, que se contrapõe, em método, à fabulação crítica de Hartman (2020), a qual insiste no silêncio ético para não reencenar o terror, mas que é complementar em seu objetivo de resgatar a persistência da vida.

Essa dimensão ética é aprofundada por Allan Kardec Pereira (2021), que compreende a escrita de Hartman como uma tentativa de produzir uma narrativa “a partir das ausências do arquivo”, sem reiterar a violência que o constitui. Para o autor, há em Hartman uma “ética da escuta” que recusa a espetacularização da dor e busca uma escrita comprometida com a responsabilidade e o cuidado diante da memória dos sujeitos silenciados. Essa leitura amplia a noção de fabulação crítica, evidenciando que, mais do que preencher lacunas, trata-se de criar formas éticas de escuta e imaginação histórica.

Assim, a ética da escuta e a fabulação crítica de Hartman reverberam também nas produções culturais e intelectuais contemporâneas que buscam narrar a escravidão e suas heranças sem reduzir a experiência negra à dor. Esse gesto de deslocar o olhar do sofrimento para a persistência da vida propõe uma outra forma de memória: uma memória afetiva e insurgente, comprometida com a escuta das ausências e com a reconstrução ética da história. Essa dimensão intertemporal reforça a atualidade da reflexão de Hartman e o potencial político de suas leituras da liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A análise permite concluir que a liberdade negra deve ser pensada como um processo encarnado e relacional. A escrita de Hartman, marcada pela fabulação crítica, propõe uma memória que reconhece a dor sem espetacularizá-la, insistindo na opacidade ética. Em contrapartida, o filme *Harriet* realiza uma política da visibilidade, oferecendo imagens de vida e força (HOOKS, 2019) que se inscrevem contra o apagamento histórico.

O heroísmo de Tubman, portanto, não é a exceção, mas a culminância encarnada das micropolíticas de Saidiya Hartman. A fuga épica de Harriet se revela como a apropriação total do tempo roubado, provando que a sobrevivência e a própria vida negra eram, desde sempre, o ato político mais incessante. Assim, o diálogo entre Hartman e Lemmons evidencia que narrar a resistência negra é, também, um exercício ético de escuta e imaginação histórica. **Palavras-chave:** Saidiya Hartman; Harriet Tubman; resistência; escravidão; memória.

REFERÊNCIAS

HARTMAN, Saidiya. **Cenas da sujeição:** terror, escravidão e autopolítica da dor. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Ubu, 2022.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12–27, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640.

HOOKS, bell. **Olhares negros:** raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LEMMONS, Kasi (dir.). **Harriet**. EUA: Focus Features, 2019. Filme (125 min).

PEREIRA, Allan Kardec. **A ética da escuta e a escrita da ausência:** Saidiya Hartman e os limites do arquivo. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 37, n. 74, p. 439–460, 2021.



RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François, Luís Marcos Sander e Cláudia Berliner. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.